

**Direcional Educador**

Coluna: E agora, Professor?

Janeiro – 2013.

## **EDUCAÇÃO DIGITAL**

Parte VII

### **Estudante autônomo**

De aluno a estudante autônomo.

Por Cassiano Zeferino de Carvalho Neto

A separação entre o mundo da escola e a escola no mundo atual é gritante. Os estudantes sentem isso de variadas formas, ainda que não consigam explicar o que acontece geralmente por lhes faltar referências e conhecimento teórico profundo acerca da educação.

Mesmo sem saber explicar o que sucede, sentem e reagem das mais variadas formas ao que experimentam, frequentemente demonstrando resistência que pode chegar ao nível de hostilidade à escola, de um modo genérico, ou ao professor, numa perspectiva pessoal.

Os problemas de “disciplina” gerados em sala de aula todos conhecem e, na atualidade, este cenário vem se agravando, inclusive com registros de violência explícita contra professores, gestores e funcionários da escola, o que é sob qualquer ângulo, inaceitável.

No entanto, o que não se costuma ver e compreender são as causas da agressividade demonstrada pelos estudantes e o quanto a mesma tem relação com os modelos de educação e determinadas práticas pedagógicas e seus modos de comunicação.

No piso de sala de aula, e todo educador sabe disso, estabelecem-se os cenários para a interação humana. A comunicação, que não significa ser verticalizada e onidirecional no sentido professor-aluno, mas deve ser horizontal e bilateral, tende a se estabelecer ainda que, não raramente, seja truncada e sofra de inúmeras

interferências. Foi-se há muito o tempo em que os alunos ouviam atentos, por minutos sem fim, seus mestres. Atualmente, a possibilidade de se estabelecer uma comunicação eficaz se assemelha aos programas televisivos em que a cada 5, 10 segundos, um novo estímulo é apresentado.

Este padrão de comunicação não é, em geral, próprio dos professores e nem mesmo os modelos pedagógicos ainda muito centrados no discurso docente logram sucesso perante os estudantes.

A explicação para estes fenômenos não é trivial, conforme mencionado pouco antes há estudos que procuram compreender com mais profundidade o que de fato se apresenta, mas algumas evidências são por demais gritantes.

O entorno social à escola, no dia a dia do estudante, que características apresentam quanto aos estilos de comunicação? Por quantas horas os jovens estão imersos na cultura digital (seja via Internet, na TV, no game, no móbil, etc.)? Por quanto tempo conseguem, efetivamente, prestar atenção em um determinado assunto e, mesmo assim, como o fazem? O que importa e interessa ao 'nativo digital', ainda que este termo designativo dos jovens que nasceram e cresceram imersos na cultura digital seja controverso? Como ele vê o mundo, o que espera da escola? O que é presencialidade para ele, quando está conectado em uma rede social, ou enviando um SMS ('torpedo')?

Estas e muitas outras questões são invariável e dramaticamente presentes mesmo que no silêncio que se faz presente quando perguntamos ou tentamos compreender o mundo de um jovem. Mais do que simples questões, elas funcionam como verdadeiros paradigmas dos tempos, isto é, modelam um modo que comportamento social, coletivo, e reservado no âmbito pessoal.

Não é viável, pode-se dizer, mesmo que se torna impossível querer que a partir de um confronto de culturas que beira ao antagonismo, nos limites da intolerância, uma delas saia 100% vitoriosa de um embate frontal, até porque os caminhos do confronto que ultrapassam o censo do bem viver com o outro passam a ser violentos e nada construtivos.

Na sala de aula, o embate de culturas pode se constituir em um prolongado e desgastante cenário de lutas explícitas ou veladas, que muito pouco contribui para a

criação de um bom clima organizacional que favoreça o desenvolvimento de ações construtivas e produtivas para todos.

Um caminho para não só se evitar o embate inútil é, em primeiro lugar, se compreender o perfil cultural do jovem estudante. Mesmo com todas as contradições que se possa registrar, o fato dele estar ali de frente com o educador, no recinto da escola, indica que há algo que ele está buscando, ainda que alguém tenha dito ou imposto isso a ele. Aí está o elo potencial, para o início de um diálogo, que pode se prolongar indefinidamente e de forma crescente na precisa proporção que a educação passa a fazer sentido para o estudante.

Quando se preconiza que os princípios e recursos da Educação Digital podem contribuir com maior ou menor efetividade para os processos educacionais da atualidade o que se está dizendo é que o educador está na justa interface do processo e dele dependerá, em grande parte, os resultados que se sucederão.

Uma vez mais não se trata de voltar a carga ao docente, mas de convidá-lo a refletir a respeito do significado de seu papel na educação, e atualmente, no âmbito da Educação Digital. A capacidade de entendimento do entorno, do perfil dos estudantes e do potencial de contribuição que pode dar estabelecem as vias de possibilidades entre educador-educando, de modo a se poder contar com um eixo consistente através do qual flui a comunicação.

Reitera-se que esta comunicação, na ótica do estudante, não é vista como 'entrega de matéria pelo professor', mas sim uma comunicação que valorize o potencial de cada estudante naquilo que ele pode vir a realizar e a construir e, nesse processo, aprender e se desenvolver.

Mas, para fazer isso bem feito, o educador precisa conhecer e experimentar as efetivas possibilidades que estão ao seu alcance. As tecnologias digitais, neste âmbito, e na perspectiva da Educação Digital podem em muito contribuir para o estabelecimento de um diálogo ativo, mediado por ambas as partes, pois há aspectos que o estudante conhece e o professor não, e vice-versa, de modo que pedagogias colaborativas melhor se coadunam com os perfis culturais dos estudantes, na atualidade.

Informalmente os jovens estudantes já praticam educação digital informal. O acesso à informação disseminada pela Internet, redes sociais e outros nichos digitais

representa a matéria prima para o conhecimento. A afirmação (de autor não identificado até o momento) de que a Internet é como um oceano com um dedo de profundidade carece de uma revisão crítica. O contraponto é: depende! Depende de quem e de como cada um está acessando e fazendo uso de informações qualificadas.

Não há mais biblioteca física no mundo que, isoladamente, possa fazer frente em volume e abrangência de assuntos à Internet, até porque as obras estão sendo rapidamente digitalizadas e aquelas que representam conhecimento científico são disponibilizadas publicamente, além de milhares de artigos científicos que podem ser encontrados, com facilidade nos repositórios digitais dedicados a esse fim.

Portanto, a questão não é mais se ficar discutindo se é ou não adequado fazer uso da Internet na educação, mas sim de como se fazer uso adequado da Internet para a educação. Os estudantes como afirmado anteriormente, já fazem isso e muito bem.

Diante destas considerações uma das conclusões aproximativas que se chega é a de que os estudantes gozam hoje de uma autonomia para realizar gestão do conhecimento como em nenhuma outra época da História, ao menos de um modo que tende a cada dia ser mais abrangente.

A capacidade de perseguir uma informação é um dos atributos que eles sabem fazer muito bem, mas a escola ainda não se apresentou como efetivamente contributiva para que os saberes culturais, artísticos, científicos e tecnológicos passassem a ser objeto de conhecimento para os estudantes. Este é o pior aspecto, o mais contraditório de todos.

O estudante já vivencia sua autonomia, pela via digital. E a escola?

## Referências

CARVALHO NETO, C.Z. **Educação Digital**. São Paulo: Laborciencia Editora, 2012.

\_\_\_\_\_. **Educação Digital**: paradigmas, tecnologias e complexmedia dedicada à gestão do conhecimento. Tese de doutoramento. Florianópolis: PPGEGC/UFSC, 2011. (Disponível em: <http://www.carvalhonetocz.com/publicacao-academica/>. Acesso em 02/06/2012).

**Cassiano Zeferino de Carvalho Neto** tem pós-doutorado realizado em educação digital pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) e doutorado em engenharia e gestão do conhecimento pela UFSC. É mestre em educação científica e tecnológica (UFSC) e especialista em qualidade na educação básica (INEAM/OEA/USA). Suas licenciaturas são em Física e Pedagogia (PUCSP). É fundador e atual presidente do Instituto Galileo Galilei para a Educação (IGGE) e fundador-diretor da Laborciencia Editora. [www.carvalhonetocz.com](http://www.carvalhonetocz.com)  
e-mail: [carvalhonetocz@gmail.com](mailto:carvalhonetocz@gmail.com)